



Trabalho Final de Graduação
(pesquisa e partido arquitetônico)

acadêmico
GUSTAVO ROGÉRIO DE LUCCA

professor orientador
ADEMIR FRANÇA

Criciúma, 2011

ESPAÇO DO ENCONTRO:

REQUALIFICAÇÃO URBANA DO ESTÁDIO HERIBERTO HÜLSE E ENTORNO

Referenciais teóricos e arquitetônicos, análises temáticas e partido arquitetônico referentes a primeira etapa do Trabalho Final de Graduação do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UNESC.

AGRADECIMENTO

Por esses últimos anos e por este Trabalho Final de Graduação, seria um grande erro deixar de agradecer aqueles que, mesmo sem saber, foram fundamentais e motivadores de minha persistência quando a exaustão já me fazia pensar em desistir. A todos eles, minha família, meus amigos, companheiros de trabalho e colegas de faculdade, por estarem sempre junto comigo, seja nos dias ou nas noites, muito obrigado. Agradeço ao meu assessor Ademir, que mostrou caminhos para a realização deste trabalho e a todos os outros que gentilmente compartilharam suas opiniões. Tenham a certeza de que este trabalho tem um pouco de mim e um pouco de todos vocês.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	06
2. PROBLEMATIZAÇÃO	08
3. JUSTIFICATIVA	09
4. OBJETIVOS	
3.1. Objetivo geral	12
3.2. Objetivos específicos	12
5. CONTEXTUALIZAÇÃO	
5.1. Cidades: encontros e desencontros	14
5.2. Espaços públicos x espaços públicos em Criciúma	19
5.3. Origens do futebol	28
5.4. Futebol no Brasil: fenômeno das multidões	30
5.5. O futebol como identidade da Região Carbonífera	32
5.6. Inserção urbana dos estádios de futebol	34
5.7. Classificação das formas de inserção urbana dos estádios de futebol	36
5.7.1. Estádio urbano	36
5.7.2. Estádio parque	36
5.7.3. Estádio ilha	37
5.7.4. Estádio híbrido	37
5.7.5. Estádio ícone	38
6. ESTATUTO DA CIDADE	
6.1. Aspectos gerais	40
6.1.1. Direito de Preempção	40
6.1.2. Transferência do Direito de Construir	41
6.1.3. Operações Urbanas Consorciadas	42
6.1.4. Estudo de Impacto de Vizinhança	43

7. INSERÇÕES DO RECORTE

7.1. Criciúma	45
7.2. Evolução urbana de Criciúma	46
7.3. “Lado de Cá” x “Lado de Lá”	47
7.4. Comerciarior: extensão do Centro	49
7.5. Cheios e vazios	51
7.6. Vegetação	52
7.7. Principais acessos (em direção ao estádio)	53
7.8. Principais acessos (em direção aos bairros)	54
7.9. Hierarquia viária	55
7.10. Linhas de ônibus	57
7.11. Relevo / Hidrografia	58
7.12. Usos da propriedade	59
7.13. O estádio nos planos diretores de Criciúma	60
7.14. <i>Skyline</i>	62
7.15. Ligação Terminal / Estádio	63
7.16. Síntese das análises do recorte	65

8. O ESTÁDIO HERIBERTO HULSE

8.1. Histórico do estádio	67
8.2. Capacidade	69
8.3. Inserção visual e sonora	70
8.4. Setores do Estádio Heriberto Hulse	71
8.5. Relação jogo x arquibancada	74
8.6. Insolação	74
8.7. Estacionamentos	75
8.8. Acessos	76
8.9. Situação atual e medidas mitigadoras	78

9. A ÁREA DO ESTÁDIO NA TEMÁTICA DO CURSO DE ARQUITETURA DA UNESC 80

10. REFERENCIAIS ARQUITETÔNICOS

10.1. Estádio Luigi Ferraris - Itália	82
10.2. Sede do MASP	84
10.3. Estádio Tivoli Neubau - Alemanha	85
10.4. Estádio Solar - Taiwan	87
10.5. City Soccer Stadium - Croácia	88
10.6. Estádio do Dragão - Portugal	89
10.7. Revitalização do Centro Histórico de Santa Marta - Colômbia	90
10.8. Operação Consorciada Nova Luz - São Paulo	91

11. PARTIDO

11.1. Proposta para o sistema viário	93
11.2. Partido arquitetônico	96
11.3. Desapropriações	104
11.4. Proposta de Zoneamento	105

12. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

106

1 INTRODUÇÃO

Qual é a cidade ideal para este novo século? Autêntica, democrática? Organizada, limpa, rodoviária? Rápida? Moderna ou tradicional? Espaçada ou compacta? Perguntas não faltariam para tentar responder esta que é uma causa emblemática numa sociedade que há algum tempo vem discutindo seus impactos e seu próprio futuro. O que se nota são posições diferentes em relação ao que é o melhor tipo de cidade, se a moderna, com sua potencial organização em setores ou a tradicional, menos espaçada e com lugares que têm mais facilidade de se transformar.

Na cidade espalhada, conseqüentemente, a horizontalidade vai descentralizando os grandes equipamentos públicos, que se tornam menos atraentes devido a grande oferta de áreas verdes, independentes das ruas. Nas tradicionais, ou seja, na maior parte dos centros urbanos brasileiros, a rua é o espaço público, pontuada por algumas áreas verdes e equipamentos públicos que acabam se tornando referenciais e pontos de encontro da população.

Neste sentido, esta pesquisa aborda as inserções do estádio Heriberto Hülse, localizado no bairro Comerciário, região central de Criciúma. Busca entender, através de conceitos de antropólogos, arquitetos e filósofos, assim como através da análise de mapas temáticos, suas potencialidades e deficiências como arquitetura e espaço físico e sua importância como lugar simbólico, apropriado pela população de formas inusitadas, contextualizadas na cidade que o envolve.

Este Trabalho Final de Graduação é também um questionamento; uma provocação à já praticamente conformada ideia da retirada do estádio da região central da cidade. Questiona qual é o valor do Heriberto Hülse no imaginário popular e também como espaço físico/simbólico de encontro da sociedade. E, dessa forma, valoriza o estádio como função e essência de ser um monumento urbano, rodeado por acasos, transformações autênticas, apropriações momentâneas que não poderiam acontecer de outra forma ou em nenhum outro lugar. E, em meio a tudo isso, pergunta-se: qual é o preço do estádio Heriberto Hülse? Qual o valor das



Estádio Heriberto Hülse em dia de jogo
Foto: autoria própria

comemorações que começam ali e se espalham pela cidade toda? O preço das festas, do encontro popular?

Dos bares lotados às emocionantes partidas emolduradas pela cidade que dá nome ao time do coração; dos congestionamentos às ruas que em poucas horas se transformam no mais humano dos espaços públicos; do torcedor que vê tudo do alto dos edifícios às dezenas de bandeiras tricolores estendidas nas fachadas dos mesmos. Amigos que se encontram nas esquinas, o rico que encontra o ambulante, o ambulante que estaciona seu comércio bem no meio da rua e encontra sua freguesia. Encontros. Momentos do cotidiano de quem por aqui vive. Pormenores da vida urbana, que para muitos parecem nem ter valor, mas são com certeza resquícios de uma vitalidade que precisa ser preservada. Talvez esta seja a cidade para o novo século: aquela que surpreende, que preserva seus acontecimentos, seus espaços simbólicos, que é independente do carro e autêntica o suficiente para se transformar.



Foto: HOFFMANN, Rafael. 2008. Flickr.com



Foto aérea: Tigrelog.com / adaptado pelo autor

2 PROBLEMATIZAÇÃO

Em 30 anos, o Comerciário deixou de ser um bairro periférico, evitado por ser o “lado de lá” da Av. Centenário, para ser um dos mais valorizados bairros de Criciúma. Uma área central que se transformou radicalmente a partir dos anos 80, com a consolidação da indústria da construção civil como setor de grande importância econômica para a cidade e da estruturação do Anel Viário Central, protagonistas das transformações na paisagem urbana nos últimos anos. No meio de tudo isso, um equipamento monofuncional de grande valor simbólico para a sociedade da região carbonífera: o Estádio Heriberto Hülse.

Um dos maiores problemas do estádio do Criciúma na forma como está implantado hoje é a sua ociosidade em horários que não acontecem partidas oficiais, resultado de sua proposta monofuncional de uso, exclusiva para os jogos oficiais do Criciúma Esporte Clube. Tal proposta de uso é ultrapassada e é nociva para a cidade, sabendo que os espaços mais vitais são justamente aqueles que oferecem a diversificação de usos e possibilidades de apropriação, tornando-os mais democráticos. Sua arquitetura monolítica e fechada também precisa ser revista, a fim de permitir maior integração com o bairro do entorno e com as vias que o limitam, além de melhorar um nível estético desapropriado para seu tamanho impacto visual.

É fundamental entender os fluxos de automóveis na área, suas origens e destinos, para que se possa viabilizar uma melhor distribuição, diminuindo os conflitos existentes entre pedestres e automóveis. A questão da falta de estacionamentos para o estádio, vista historicamente como uma deficiência, ainda que possa ser amenizada, pode ser interpretada como mera característica de sua localização centralizada, que prioriza e incentiva a caminhada e o uso de meios de transporte coletivos e alternativos ao invés do uso do carro.



O estádio Heriberto Hülse sem jogo
Foto: autoria própria



Conflitos entre automóveis e pedestres
Foto: autoria própria

3 JUSTIFICATIVA

O estádio Heriberto Hülse é um equipamento esportivo de grande porte, o que naturalmente gera impactos na região onde está inserido. Sua construção, iniciada nos anos 50 do século passado, nunca parou, visto que está em constante processo de mudanças e adaptações, num ritmo paralelo ao do crescimento do time, das transformações da cidade e também da evolução das legislações esportivas brasileiras. Com o crescimento da cidade, a verticalização dos bairros lindeiros, a crescente hierarquização das vias do entorno e a carência de áreas verdes, o palco das partidas do Criciúma passou a ser um dos locais mais especulados pelo setor imobiliário local, o que poderia levá-lo nos próximos anos para a periferia da cidade. Uma nota publicada no ano de 2008 no portal Engeplus, um importante veículo de comunicação via internet do sul do estado, dizia na íntegra:

Criciúma pode ter novo estádio em 10 anos.

"Temos a intenção de comprar um novo terreno para o Criciúma". Com esta frase, o presidente Édson Búrigo confirmou, ao menos parcialmente, a informação do comentarista Paulo Coutinho, da Rádio Eldorado, de que o Criciúma estaria fazendo um acordo com uma construtora. Pelo acordo, o clube cederia a área do Heriberto Hülse em troca de um novo estádio em outro local da cidade.

"Com o tempo, o local onde estamos será pequeno devido a localização. Pensamos em comprar um terreno próximo ao novo anel viário", adiantou Búrigo. Embora tenha tentado negar a existência de qualquer parceria com uma construtora que poderia oferecer um novo estádio para o Tigre, o presidente foi enfático ao afirmar que "o Criciúma mudará de endereço no futuro".

Conforme as informações divulgadas, o projeto do novo estádio teria prazo de dez anos para a sua execução. Ainda assim, o Criciúma mantém o plano de investimentos no Heriberto Hülse, com a construção de camarotes onde estão as cabines de imprensa que, por sua vez, serão transferidas para o lado oposto no estádio do tricolor. (LUCIANO, Portal Engeplus, 13/04/2008)

No entanto, repetir um fato que caracterizou a relocação de grandes equipamentos esportivos na segunda metade do século XX em cidades do mundo inteiro, num movimento setorizador característico do



Edifícios no entorno do estádio
Foto: autor desconhecido / Skyscrapercity.com



Edifícios vizinhos ao estádio
Foto: Tigrelog / picasaweb.com

urbanismo modernista, pode ser interpretado como uma política antiquada de planejamento urbano. Questiona-se se esta opção de espraiamento e periferização ainda é a ideal numa sociedade que a cada dia se compromete mais e mais com a sustentabilidade de suas cidades.

O estádio Heriberto Hülse, apesar de hoje ter um entorno desarticulado à sua presença, tem um grande significado simbólico, adquirido com o tempo, numa cidade historicamente apaixonada por futebol e pelo time que a representa. Apelidado pela torcida de “Majestoso”, ao menos nos horários das partidas, é um dos lugares mais democráticos da cidade, espaço de trocas, do pequeno comércio ambulante, lugar onde pessoas de diferentes níveis sociais se encontram. Um espaço de encontro moldurado pela paisagem urbana.

Sua localização, no bairro Comerciário, a extensão do centro, assim como sua construção processual fez com que a cidade se adaptasse com sua presença e seus impactos. Um exemplo é que é notável que a maior parte do público, principalmente os que residem nas áreas centrais e mais adensadas de Criciúma, se desloca aos jogos a pé. Outros, de ônibus até o Terminal Central, localizado a cerca de 400 metros do estádio. Tem também os que vão de carro e os estacionam nas ruas ou nos terrenos vazios do entorno. Esse ritmo faz parte da identidade do bairro e da cidade, e essa realidade pode ser interpretada como um aspecto positivo. Numa cidade que vê sua frota aumentar drasticamente ano a ano (em 2010, eram cerca de 113.547 veículos emplacados no município, mais da metade da população residente), provocando emblemáticos problemas ambientais e de mobilidade, a localização central do estádio restringe a necessidade do carro, incentiva a caminhada e o uso de meios de transporte alternativos.

Os desafios para a área, o qual consequentemente norteiam este Trabalho Final de Graduação, são rearticular o estádio Heriberto Hulse à malha viária da cidade, re-hierarquizando a estrutura existente e atualizando-o às necessidades do bairro Comerciário e da cidade, ainda pobre em espaços de lazer para uso coletivo. E, neste sentido, entendendo o estádio como espaço de lazer da cidade, é importante articulá-lo com as praças e calçadas do Centro, numa relação de lugares que se completam por terem funções, formas e simbologias distintas. É também fundamental valorizar e reforçar as apropriações populares sobre os



Bar no entorno do estádio
Foto: Tigrelog / picasaweb.com



Terminal Central de Criciúma, a 400 metros do estádio
Foto: José Carminatti / Panoramio.com

Individualização do transporte em Criciúma:

	2009	2010
Frota de automóveis	103.329	113.547
Passagens de ônibus	16,8 milhões	14 milhões

Fonte: ASTC

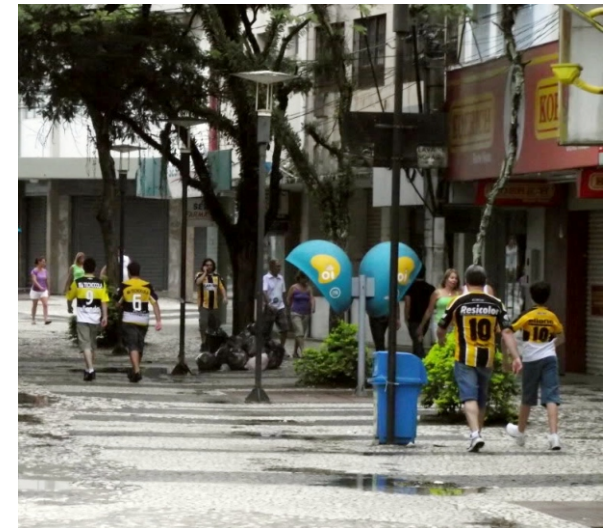
espaços do estádio e seu entorno, contribuindo para a preservação desse bem imaterial.

Mesmo que o Estádio Heriberto Hülse seja de propriedade privada, sua importância social é de grande interesse para a cidade. “A boa cidade é aquela em que os edifícios particulares têm valores sociais que os extrapolam, e nisto está seu modo de ser urbanos.” (SOLÁ-MORALES). Por essas razões, a intenção de criar equipamentos multifuncionais para uso público (esportivos, culturais e de serviços) permitirá a apropriação da área pela população em todos os horários do dia, de diferentes formas e por pessoas de interesses distintos. Dessa forma, resolver-se-á uma deficiência histórica do bairro Comerciário de uma centralidade destinada ao lazer, reforçando ainda mais sua importância na região da Bacia Carbonífera como área com vocação para a diversidade de usos e prestação de serviços.

A proposta da permanência do estádio na região central, somados aos novos equipamentos multifuncionais, são exemplo do caminho para uma cidade que precisa de boas propostas urbanas para ter maior mobilidade e qualidade de vida no futuro. E assim, é possível que a Criciúma das próximas décadas seja uma cidade mais sustentável, mais humana? Afinal, cidades compactas e independentes de carros são a proposta para o novo século, num mundo finito e extremamente urbanizado.



O bairro Comerciário
Foto: autoria desconhecida



Torcedores caminhando para o estádio
Foto: autoria desconhecida / Skyscrapercity.com

4 OBJETIVOS

4.1. Objetivo geral

Requalificar a área onde está inserido o Estádio Heriberto Hülse, na cidade de Criciúma, valorizando sua importância na identidade popular e nos acontecimentos urbanos, sugerindo novas alternativas para solucionar sua monofuncionalidade e propostas para melhorar sua articulação com diferentes espaços da cidade.

Objetivos específicos

- Manter a estrutura e a função do Estádio Heriberto Hülse, valorizando seu caráter simbólico, sua essência de lugar e sua influência na identidade da cidade, mas melhorando suas condições estéticas e funcionais;
- Sugerir propostas para a melhoria da mobilidade, de automóveis e pedestres, principalmente nos dias de eventos;
- Criar uma nova opção de lazer de uso público para a cidade;
- Criar novos usos, resolvendo o problema da monofuncionalidade que é atualmente uma característica negativa do equipamento.
- Articular o estádio e seu entorno aos espaços públicos centrais, complementando-os, a partir do entendimento de que o bairro Comerciário é a extensão do Centro.

5.CONTEXTUALIZAÇÃO

5.1. CIDADE: ENCONTROS E DESENCONTROS

Nas grandes cidades, no pequeno dia-a-dia
O medo nos leva tudo, sobretudo a fantasia
Então erguemos muros que nos dão a garantia
De que morreremos cheios de uma vida tão vazia.
(GESSINGER, Humberto; LICKS, Augusto. Muros e grades).

A cidade, como obra da coletividade, é uma criação que vai se constituindo de forma processual; é o espelho da sociedade; é o grande espaço das trocas, da produção humana, do viés das relações, sejam elas comerciais ou culturais. É mutável à velocidade do processo histórico, e num mundo movido pelo capital, é cada vez mais característico dos centros urbanos o ritmo frenético que permeia o cotidiano.

Em seu livro *A cidade* (2003), a autora Ana Fani Carlos defende a idéia de que é o semáforo o símbolo da cidade contemporânea; cidade em que o tempo é mediado pela máquina e pela produção, pelo despertador que ainda antes do alvorecer estupra as melhores horas de sono do trabalhador, pelo relógio que dita as horas de tudo, pela programação da mídia, pelo sinal da escola, pelo relógio de ponto, pela produção que não pode diminuir nem piorar em qualidade, entre tantos outros possíveis exemplos.

Subiu a construção como se fosse máquina
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
Tijolo com tijolo num desenho mágico
Seus olhos embotados de cimento e lágrima
(...)
E se acabou no chão feito um pacote flácido
Agonizou no meio do passeio público
Morreu na contramão atrapalhando o tráfego.
(Trecho da música “Construção”, de Chico Buarque)

À exemplo do operário que o compositor Chico Buarque descreve em sua música, em que por um



Metrô de São Paulo
Foto: autor desconhecido



Cotidiano da cidade no Terminal Central de Criciúma
Foto: Portal RCR (Rede Catarinense de Rádios)

erro programático cai de um edifício em construção e ainda que tenha sido um trágico acontecimento, incomoda o funcionamento da cidade que também é programada lá embaixo. Isso pode ser interpretado como o próprio homem do cotidiano contemporâneo, que assume um papel quase que automático e, movido pelo capital, faz todos os seus dias parecerem o mesmo: o repetido caminho, a fila do ônibus, os horários, o “bom-dia” condicionado e absolutamente impessoal, os mesmos conflitos de emprego, de família, as mesmas conversas, as mesmas angústias e o isolamento dentro da própria multidão. Carlos (2003), cita que Lefebvre aborda tal cotidiano da sociedade como o caminho mais simples para entendê-la, assim como as dimensões sociais e espaciais que a caracteriza.

E sobre esse cotidiano da vida urbana, Carlos (2003) ainda afirma que “o lugar da festa, do encontro quase desaparecem; o número de brincadeiras infantis nas ruas diminui”. Fato este que é agravado à medida que a cidade cresce e não crescem à mesma proporção seus parques e áreas públicas, ou à medida que também aumenta a violência urbana e o medo se espalha na massa, ou até à medida que o homem se aliena ao modo de vida anteriormente citado, impulsionado pela busca por produção e capital para o consumo.

Ainda nesse aspecto, o do isolamento social em meio à multidão crescente, também é fato a contribuição do setor imobiliário da construção civil que, impulsionada pela ideologia do capitalismo, oferece como padrão de consumo edifícios arquitetados de tal forma que desconfiguram o entendimento de bairro e vida social, visto que isolam o morador a um mundo limitado pelos muros de um condomínio que à primeira vista parece oferecer tudo o que se precisa: sua área de lazer particular, sua própria praça, quadra poliesportiva privativa e salão de festas exclusivo. Tal isolamento social, motivado por diversos fatores econômicos e sociais, vai distorcendo a imagem do que é cidade: se outrora era o espaço das trocas, da coletividade, cada vez mais tem se tornado não-lugares de passagem, terra de ninguém, terra dos desencontros. Compartilhando tal linha de pensamento, Rogers discute em sua obra “Cidades para um pequeno planeta” que os poderes políticos e comerciais, que têm forte influência sobre o espaço urbano, vêm deslocando a ênfase do desenvolvimento para atender suas necessidades individuais em detrimento às necessidades mais amplas da comunidade. E numa época de valorização global dos regimes democráticos, as

populações vão se agrupando em comunidades segregadas, pobres em diversidade e vitalidade. “A cidade tem sido encarada como arena para o consumo” (ROGERS, 2001).

Na atualidade, as pessoas se lembram das cidades muito mais como cenário de automóveis e de edifícios do que por suas ruas e praças, muito mais pelo isolamento social, poluição, medo da violência, local de consumo e pela busca insaciável de lucro do que pela comunidade, participação, espírito cooperativo, beleza e prazer. (ROGERS, Richard. Cidades para um pequeno planeta. 2001.)

A segregação espacial é parte das discussões quando o assunto é cidade. Rogers aborda que um exemplo disso é que é notável que nas últimas décadas multiplicaram-se os espaços monofuncionais, aqueles que geralmente são construídos por decisão de um incorporador ou por alguma ideologia urbanística ultrapassada e que concentram apenas uma função. No entanto, os espaços ditos multifuncionais, naturalmente com mais vitalidade por concentrar diferentes usos, usuários e participantes, vem se tornando resquícios de uma cidade desejada, ideal para viver, mesmo que pareça estar desaparecendo. Seriam tais espaços com multifuncionalidade os nostálgicos exemplos do café na calçada, da rua animada, da praça lotada, do parque que convida diferentes tribos da cidade e tantos outros espaços de convivência coletiva.

Por todas essas questões cotidianas da cidade contemporânea, capitalista e que vem renovando seus valores, seria certo então dizer que a cidade está se tornando um grande não-lugar? O conceito de não-lugares surgiu nos anos 90 do século XX e é abordado no livro homônimo do antropólogo Marc Augé. Através da obra, faz entender que os lugares têm uma relação forte entre o espaço e a sociedade, acompanham a modernidade e têm identidade, mas que com as transformações mais recentes da sociedade, vão se perdendo, tornando-se não-lugares. Estes, no entanto, se materializam à medida que aumenta a rapidez e o consumismo da sociedade: são as auto-estradas, os aeroportos, os grandes supermercados, centros comerciais, etc. Não-lugares são espaços físicos ou virtuais, mas se diferenciam dos lugares principalmente pela forma como são dadas as relações entre pessoas, muito mais impessoais, rápidas, de passagem e com

cronologias lógicas. Os não-lugares têm se ampliado, se espalham pela cidade, pelas ruas e tal aumento é legado às mudanças de comportamento da massa. Trata-se, na cidade, da perda do simbolismo dos espaços urbanos, tornando, portanto, cada vez mais raros e importantes os espaços que por ora conseguem manter sem dificuldades grande valor simbólico para a população de uma comunidade, de um bairro ou de uma cidade inteira. Pode-se inclusive subentender que, paradoxalmente, a impessoalidade dada aos não-lugares tem um caráter pessoal, pois depende do modo de vida e da história de cada um, tornando-se aspecto individual dar significado ou não ao caminho por onde se passa.

Pode-se dizer que os desencontros da cidade física crescem à proporção que aumentam a segregação espacial e também as relações virtuais, em que as redes sociais, tais como *Facebook*, *Orkut* ou *Twitter*, passam, numa relação de equivalência, a substituir a praça da cidade como lugar e espaço de trocas. A diferença, talvez vantagem da cidade virtual, é que não há limites geográficos nem barreiras sociais. Logo, não há segregação de espaço. O mundo virtual é aquilo que a sociedade sempre idealizou às fábulas para a realidade física: o da igualdade social, da tolerância e da liberdade de expressão onde todos falam de igual para igual, onde é possível ao eleitor *twittar* ao prefeito do município ou à presidente da república sobre seus atos políticos e ser respondido de forma rápida e sem burocracias. Conrado Adolpho, em seu artigo para a revista *Imasters*, chamado “Redes sociais expandem a Sociedade dos Poetas Mortos”, defende que a geração virtual representa uma nova ordem que se impõe de baixo para cima e é a da cultura livre e sem fronteiras. “Por meio da internet, o homem se libertou do tempo, se libertou do espaço e se libertou do modelo hierárquico baseado na assimetria de informações” (ADOLPHO, 2010). Com o advento da internet pela sociedade, os espaços de reuniões também se tornam outros: chats, jogos online, fóruns virtuais ou *Twitter* vem substituindo as ruas, o bar da esquina, a “pelada” entre amigos. É o caso do *Second Life*, um ambiente virtual tridimensionado que simula as relações sociais e espaciais do ser humano, como se fosse uma vida paralela.

No *Second Life*, gente de todo o mundo assume literalmente uma segunda personalidade, um outro corpo, compra com dinheiro de verdade coisas de



Quiosque na Praça Nereu Ramos, um lugar.

Foto: DE COSTA, Lene. Portal Engeplus. 2011

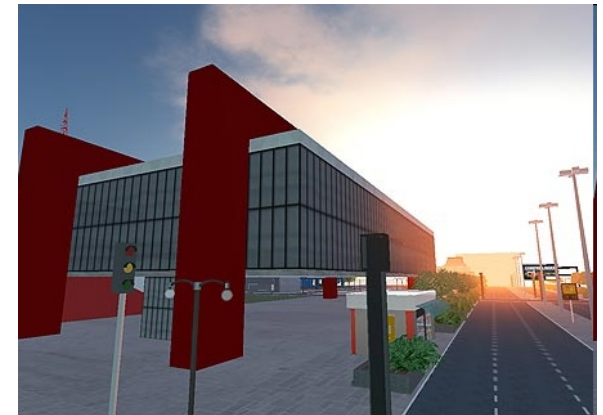


BR-101 em Criciúma, um não-lugar.

Foto: KUROSSU, Aurélio. Portal Clic RBS. 2010

mentirinha, faz amigos, namora, transa, casa. Frequentam *shows*, estudam, fazem negócios. Acham uma pechincha pagar o equivalente a apenas um dólar por um carro virtual (da Volkswagen, empresas de verdade também estão no jogo). (CARVALHO, Adriana. Esses Romanos são loucos. Digestivo Cultural. 2007)

De forma geral, os desencontros podem ser nocivos para uma sociedade porque tendem, em certos casos, a enfraquecer a democracia. Diminuem os debates de ideias, empobrecem os espaços públicos e segregam a cidade de tal forma que agrupam sistematicamente os iguais e praticamente impedem que os diferentes se enxerguem, cultivando a ignorância política e a insensibilidade pelas causas sociais. Desencontros fazem a cidade perder sua essência de obra da coletividade, virando um grande arquipélago dividido entre ilhas de ricos (os grandes condomínios fechados, por exemplo) e ilhas de pobres (os guetos populares, as favelas). É fundamental para a vitalidade da cidade que haja confrontos, debates de ideias entre diferentes setores que tenham interesses antagônicos. Afinal, a cidade democrática e contemporânea vive em divergências justamente por juntar pessoas de ideologias, classes e histórias diferentes. É o caso dos debates democráticos que antecedem a votação dos atuais planos diretores, por exemplo. O desafio para o novo século é que a sociedade urbana procure modos para voltar a se encontrar, respeitando a diversidade que a compõe, e que se dedique a preservar os espaços em que os encontros democráticos persistem em acontecer.



Sede do MASP no Second Life

Foto: secondlife.com

5.2. ESPAÇOS PÚBLICOS X ESPAÇOS PÚBLICOS EM CRICIÚMA

A cidade não é um mero conjunto de edifícios, não é mero espaço físico e nem é restrita à dimensão material dos objetos arquitetônicos. Além de forma, é também uso, significado e memória. Por isso, é mutável e a velocidades inconstantes. Segundo Rogelio Salmona, arquiteto colombiano, em seu artigo “Cidade, patrimônio e memória”, a cidade é também “um encadeamento de espaços produzidos e apropriados pela população, segundo diferentes intensidades e significados”. O valor do espaço, portanto, vem do viés entre forma e uso e, a partir daí, dos significados que são adquiridos com o decorrer do tempo e da formação cultural da cidade. “As relações com o lugar são determinadas no cotidiano, para além do convencional. O espaço é o lugar do encontro e do produto do próprio encontro.” (CARLOS, 2003, p.73.). Essa apropriação dos espaços é, na maioria das vezes, espontânea. Acontece de forma natural, à vontade popular, apropriando daquilo que a morfologia proporciona, dando a cada cidade, a cada comunidade, seus valores singulares, suas características que a diferenciam de todas as outras. Em suma, o valor de uso é paralelo à identidade dos espaços.

Os espaços tradicionais das cidades, geralmente os centros, têm em comum o fator do encontro e da diversidade de usos e de apropriações. Diferente da cidade modernista, as suas formas, geralmente vinculadas ao desenho urbano tradicional, fazem do edifício um delimitador e estruturador direto do espaço. Esse contato direto entre espaço aberto e fachada insere o espaço público na vida urbana de forma que sua influência extravasa seus limites físicos legais e incorpora a cidade de forma plena. Invade os domicílios privados, contagia o entorno e, conseqüentemente, a população. É como numa relação entre palco e platéia, defendida pelo filósofo e sociólogo Walter Benjamin, em que o público interage com os atores da peça assim como a cidade interage e se apropria do espaço público tradicional.

Toda a gente divide num sem-número de áreas de representação simultaneamente animadas. Balcões, átrios, janelas, portões, escadas, telhados são ao mesmo tempo



O “homem de lata” no Centro de Criciúma
Foto: Bruno Dusthoff, 2010 / Flickr.com



Performance teatral no calçadão de Criciúma
Foto: Felipe Fontana, 2007 / Flickr.com

palco e camarote. (...) Mesmo a existência mais miserável é soberana no vago conhecimento duplo de atuar em conjunto, em toda a perversão, numa cena de rua napolitana, que nunca se repete; de, em sua pobreza, gozar o lazer de acompanhar o grande panorama. (BENJAMIN, Walter. Rua de mão única: obras escolhidas, volume 2. São Paulo, 1995)



Foto: Arquivo Histórico de Criciúma



Desenho: autoria própria

Na praça tradicional, o edifício limitador é incorporado ao espaço

Nesse contexto, é importante falar de alguns espaços públicos de Criciúma, abordando suas particularidades morfológicas e de uso. Em Criciúma, os espaços públicos centrais são os que têm mais vitalidade. A Praça Nereu Ramos, por ser o “coração” do Centro e ser envolvida por grande parte dos estabelecimentos comerciais da cidade, é naturalmente a mais utilizada. É um espaço de todos, palco das maiores manifestações artísticas e culturais, da política, do protesto, da religiosidade ou do simples corre-corre diário. É também exemplo do típico espaço que é desenhado pelos edifícios que o limitam. Tais edificações, de diferentes épocas e estilos arquitetônicos, são incorporadas ao espaço aberto central numa relação de troca, em que nem o edifício nem a praça teriam a mesma inserção urbana sem a presença de um ou de outro. Próximo dali, outro espaço público bastante utilizado pela população é a Praça do Congresso. Seu entorno bastante adensado, formado principalmente por edifícios residenciais, em sua maioria de mais de dez pavimentos, garantem à praça o seu público para todas as horas. Bem cuidada e valorizada pela população, é o espaço do descanso, da caminhada, do namoro, da leitura, do parquinho infantil, do exercício físico. Essas duas praças, de características distintas, se completam. Dão opções de lazer à cidade e talvez sejam os únicos espaços públicos intensamente ocupados pela população.

A maioria dos bairros de Criciúma tem uma praça central. Muitas delas são localizadas próximas às



Localização das praças. Nereu Ramos e do Congresso

Foto: PMC / adaptado pelo autor



Praça Nereu Ramos

Foto: Lysandro Lima / Radarsul.com



Praça do Congresso

Foto: Lysandro Lima / Radarsul.com

igrejas católicas e, portanto, têm sua identidade intimamente relacionada com o uso religioso. A maioria é delimitada pelas ruas que as contornam e pela própria igreja. Sua utilização pela população é temporária, restringindo-se às festas religiosas e aos breves momentos de interação antes e depois das missas ou cultos. Alguns exemplos são as praças do bairro São Luis, do bairro Morro Estevão, do Napolini, do Rio Maina, da Quarta Linha, do Santo Antônio e a Praça Santa Bárbara. Há também as praças que, por estarem situadas em bairros que em outras épocas eram exclusivamente ocupados pelas famílias dos operários das minas de carvão, têm vínculo histórico com o movimento operário e com a esquerda política. Por serem geralmente os centros de bairros de baixa densidade, são envolvidas pelo comércio local e ocupadas quase que exclusivamente no horário comercial. É o caso da Praça do Trabalhador e da Praça da Chaminé, no bairro Próspera e da praça do bairro Santa Luzia, onde está situado o monumento em homenagem aos desaparecidos políticos da Ditadura Militar, idealizado em referência à forte resistência dos moradores do bairro em oposição ao regime.

Ainda sobre os espaços públicos, é indispensável mencionar o Parque Centenário. Foi projetado pelo arquiteto curitibano Manoel Coelho na gestão do ex-prefeito e também arquiteto Altair Guidi em substituição a um antigo aeroporto. É a maior área pública de lazer de Criciúma e abriga importantes edifícios públicos do município, como a Prefeitura, o Centro Cultural Santos Guglielmi (prédio da biblioteca, teatro e galeria de arte), o ginásio municipal de esportes, o famoso monumento às etnias, o Pavilhão de Exposições e outros equipamentos de menor porte. Escala superdimensionada, “aridez”, características cívicas, o entorno pouco adensado e ocupado em parte por edifícios institucionais justificam a tímida apropriação pela população.



Parque Centenário
em destaque

Imagem:
Prefeitura de Criciúma /
adaptado pelo autor



Praça do bairro Morro Estevão Foto: Lucas Colombo / PMC



Praça do Trabalhador, bairro Próspera
Foto: Prefeitura Municipal de Criciúma



Memorial aos Desaparecidos Políticos, Sta. Luzia, Criciúma
Foto: portaliomaina.com.br

No Brasil, nas últimas décadas, as intensas transformações ambientais, econômicas e espaciais têm colocado em cheque certos valores da vida urbana. Ainda sob o pensamento do urbanismo modernista de setorização de usos, e sob influência do legado construtivo da idolatrada Brasília, as cidades vêm se fragmentando. Salmona (2002) condena essa fragmentação urbana e defende a ideia da cidade tradicional como patrimônio da geração atual e das futuras gerações, em que se deve preservar não só o espaço-matéria onde aconteciam os encontros da sociedade, mas inclusive a própria vida urbana, com seus conflitos e trocas. A setorização espacial de usos também é comentada pelo arquiteto Frederico de Holanda no livro “O espaço da cidade: contribuição à análise urbana”:

O espaço urbano é recategorização a partir de uma rigorosa correspondência entre determinadas frações e práticas sociais exclusivas: o “zoneamento de uso”. Proliferam os setores comerciais, setores hoteleiros, os centros administrativos, os campi universitários, etc., tudo como se isso correspondesse a necessidades funcionais de cada uma dessas práticas e da cidade como um todo. (HOLANDA, Frederico de. O espaço da cidade: contribuição à análise urbana. São Paulo, 1985, p.137.)

Espaços públicos tradicionais, de encontro da sociedade, vão perdendo parte de seus valores quando surgem obras públicas que tiram deles os eventos que outrora aconteciam numa forma de apropriação que se desenvolveu ao longo do tempo. E, da mesma forma, eventos e festas populares perdem força à medida que são realocados para lugares projetados exatamente para que aconteçam. Enfraquecem porque perdem a relação com o espaço que os motivou e com a cidade que os incorporou. Passam a ser realizados de forma “forçada”. Perdem a naturalidade, a surpresa, o imprevisto. O jeito popular de acontecer.

É o que vem acontecendo com as festas populares de Criciúma. A principal delas, a Festa das Etnias, a antiga Quermesse de Tradição e Cultura, que teve suas primeiras edições realizadas na Praça Nereu Ramos com intensa participação da população, vem perdendo seu apelo popular após várias realocações para, por fim, ser realizada dentro de um pavilhão de exposições. Segundo Aguinaldo Augustinho, no livro “Praça Nereu Ramos, o coração de Criciúma”, a primeira edição da festa aconteceu entre os dias 4 e 12 de agosto de



Campus da UNESC em Criciúma, um caso de “zoneamento” exclusivo.

Foto: Arquivo UNESC



Imagem histórica do desfile de 7 de Setembro nos anos 1950, passando pela rua Desembargador Pedro Silva, ao lado do Estádio Heriberto Hülse, em direção ao Centro da cidade.

Foto: Arquivo Histórico Municipal

1989, numa iniciativa da comissão que organizava os festejos dos 110 anos de fundação da cidade. O espaço da praça central da cidade era convidativo. Augustinho conta que, por ser caminho obrigatório entre o trabalho (estabelecimentos comerciais e fábricas que situavam no perímetro central) e o antigo terminal de ônibus, milhares de trabalhadores passavam involuntariamente pela festa e ali ficavam. “Esta situação estimulava as pessoas que passavam pelo centro a assistirem à festa, nem que fosse só para dar uma espiada” (AUGUSTINHO, 2007, p.262). Hoje, o visitante que vai à festa no pavilhão de exposições, percebe, de alguma forma, que falta algo. Perdeu a inserção com o espaço físico da cidade. Não tem mais a popularidade nem é tão convidativa quanto outrora foi.

Da mesma forma, o Carnaval, a maior festa popular do Brasil, sempre foi comemorado com entusiasmo em Criciúma. Dos anos 40 aos 80 do século passado, a praça Nereu Ramos e as ruas do entorno eram o cenário de muitas brincadeiras e desfiles que ficaram na história. A praça era o cenário do encontro; palco para uma grande e ativa platéia. “Os blocos de sujos invadiam a praça, fazendo muito barulho, munidos de tambores e cornetas” (AUGUSTINHO, 2007, p.223). Fã e participante de muitas das histórias da Nereu Ramos, Augustinho conta que muitos foliões transitavam de caminhões nas ruas que tangenciavam a praça e dali arremessavam baldes com água nos pedestres, junto com punhados de farinha de trigo, fazendo do corpo de muita gente algo grudento e viscoso. Fazia parte da festa, não havia violência. Era carnaval e no carnaval um pouco de tudo era tolerável. O autor também conta que os desfiles das escolas de samba, muito competitivos na época, partiam da Avenida Getúlio Vargas, contornavam a praça e terminavam onde hoje se encontra o Terminal Central de Ônibus, numa época em que ainda não havia o calçadão. Era um verdadeiro encontro da sociedade. Do empresário ao mineiro operário, todos participavam.

No final dos anos 80, o Carnaval deixou a Nereu Ramos. Talvez influenciado pela política de planejamento que, nesse período, se caracterizou pelo espraçamento de equipamentos que outrora ficavam no entorno da praça central. A festa do Carnaval passou então a ser realizada no trecho central da Avenida Centenário que, apesar de ser uma via de fluxo intenso e de grande porte, em todas as noites do feriado a população se apropriava de todas as pistas e as transformava numa grande praça. Em uma das caixas de



Quermesse de Tradição e Cultura na Praça Nereu Ramos
Foto: Arquivo Histórico Municipal



Pavilhão de Exposições de Criciúma
Foto: Prefeitura Municipal de Criciúma



Foliões no carnaval de rua de Criciúma, década de 1940
Foto: Arquivo Histórico Municipal

da sociedade para manifestações. Muitas delas, motivadas por realidades econômicas e sociais injustas, por governos corruptos, por melhorias no trabalho, por ideais de vida.

Criciúma é historicamente uma cidade de lutas. Não há como falar da história da cidade sem mencionar sua força sindical. E, da mesma forma, não há como falar de certos espaços da cidade sem incluir seus significados políticos. Segundo Archimedes Naspolini Filho, as greves trabalhistas patrocinadas pelo Sindicato dos Mineiros na segunda metade do século passado tinham repercussão nacional. Tinham grande representatividade. Paravam a cidade. “Forças militares eram transportadas para Criciúma antes e durante o movimento paredista promovido por aquela entidade.” (FILHO, 2007, p.72). Essas manifestações trabalhistas, por muitas vezes, também tiveram como cenário a região central da cidade e, talvez por isso, sempre foram apoiadas por outros segmentos da sociedade.

Segundo Augustinho, muitos estudantes também utilizavam a praça para exporem suas reivindicações. Um exemplo marcante foi o movimento “Diretas Já”, em 1984. Em solidariedade com milhões de brasileiros que iam às ruas, muitos criciumenses aderiram ao protesto e com intensa participação. Da mesma forma, milhares de estudantes “invadiram” a Nereu Ramos para exigir o impeachment do ex-presidente Fernando Collor. “Muitos colégios liberavam os estudantes, os quais vinham para a praça, com as caras pintadas” (AUGUSTINHO, 2007, p.249). Por tudo isso, Criciúma se transformou, de forma popular, numa cidade politizada, um dos berços da esquerda política catarinense.

Hoje, ainda acontecem manifestações no logradouro central da cidade. A Nereu Ramos é um lugar democrático e, portanto, o espaço mais adequado para aderir apoio popular a qualquer causa. No período eleitoral, todos os candidatos a cargos públicos vão ao centro para “mostrar a cara” e pedir votos. É quase uma obrigação. No entanto, a Nereu Ramos e seu entorno não são mais o cenário de todas as manifestações trabalhistas ou estudantis. A fragmentação da cidade em setores diluiu os movimentos, levando-os, quando ousam acontecer, para lugares específicos relacionados à sua causa. É entendível que essa setorização é natural numa cidade que cresceu rapidamente e precisava se planejar. Mas, ainda assim, questiona-se se



Confronto dos mineiros com a Polícia Militar na greve de 1988
Foto: Sindicato dos Mineiros de Criciúma



“Diretas já” nas ruas centrais de Criciúma, 1984
Foto: autoria / propriedade desconhecida



Protesto no Terminal Central contra aumento nas passagens
Foto: autoria / propriedade desconhecida

essa política de espraiamento que foi forte em Criciúma também não foi motivada para diminuir a repercussão dos movimentos populares. Ana Fani Carlos (2003) aborda essa questão e diz que o reordenamento do território é também uma estratégia do capital e do Estado para o controle das massas e para facilitar o gerenciamento de conflitos.

Outro acontecimento que faz parte do cotidiano urbano de Criciúma, e que justifica este TFG, são os encontros promovidos em nome do time que representa a cidade, o Criciúma Esporte Clube. Das partidas de futebol no Heriberto Hülse aos encontros da torcida nos bares do entorno do estádio para assistir pela televisão o time jogando em outra cidade, há a espontaneidade da vida urbana acontecendo. Assim como ocorre na Nereu Ramos, o Estádio Heriberto Hülse é cenário de relações urbanas que, ainda que motivadas pelo futebol, transcendem este e espontaneamente transformam todo esse ambiente em um espaço de múltiplas relações sociais e conseqüentes apropriações físicas. É o comércio ambulante que toma conta das ruas, são outras ruas que se transformam em estacionamento, são os bares lotados, é a legião de torcedores que vai a pé, são as bandeiras do time estendidas nas fachadas, o torcedor que acompanha tudo da sacada do apartamento, a festa que se estende pela cidade após a conquista de algum título, entre inúmeros outros exemplos. Como cenário para tudo isso, a cidade em si, com sua malha viária, sua composição de volumes arquitetônicos, seus edifícios densos tão próximos do “palco” e que ajudam a dar embasamento para que tais apropriações aconteçam. Consolidada, mas espontânea. Augustinho (2007) lembra das comemorações da maior conquista do futebol criciumense: a Copa do Brasil de 1991.

Tinha gente que simplesmente parecia não saber onde estava, tal sua cara de bobo. Era de felicidade. Essa felicidade foi levada para as ruas e praças. Teve até trio elétrico. O vocabulário da Língua Portuguesa, apesar de muito rico, não inclui a palavra que dimensione o contentamento daquele povo todo. Já passava das três da manhã, quando começaram a ir embora. Muitos nem conseguiram e dormiram, mesmo, na calçada. Outros procuravam bares abertos onde continuar “bebemorando”. (AUGUSTINHO, Aguinaldo. Praça Nereu Ramos: o coração de Criciúma. Florianópolis, 2007, p. 178)

As conquistas do Criciúma também são, nos últimos anos, comemoradas com carreatas



Greve dos servidores municipais em frente à prefeitura
Foto: Rádio Difusora



Rua em frente ao estádio Heriberto Hülse em dia de jogo
Foto: autoria própria

atravessando as vias mais movimentadas da cidade, principalmente a Avenida Centenário. Torcedores em êxtase se concentram em determinados pontos das laterais da via levantando bandeiras, assoprando apitos e cornetas, por vezes até invadindo a caixa de rolamento, sendo respondidos instantaneamente pelo buzinaço dos carros e o aceno das pessoas que passam. Talvez esta seja, subjetivamente, uma forma comemorativa que só é ali pela grande repercussão que gera, pois numa época caracterizada pelo “corre-corre” cotidiano e pelo transporte individual, dá impacto e transforma as principais artérias viárias da cidade.

Nas últimas décadas, a sociedade que se constrói também vem se generalizando, ainda que sob conflitos e resistências. Há uma tendência à destruição da memória social, assim como à perda das particularidades e gostos individuais. “Gestos, roupas e comportamentos mostram uma igualdade massacrante” (CARLOS, 2003, p.91). Há também a individualização das relações sociais, onde encontros sociais se enfraquecem e as manifestações da cultura popular perdem seu sentido simbólico. E tudo isso, todas essas características do modo de vida vão se refletindo no espaço existente e também na construção de novos espaços públicos, cada vez maiores, independentes das edificações do entorno, às vezes até sem entorno, monofuncionais, pobres em vitalidade e apropriação. Criciúma, cidade média de interior, traz na memória coletiva de seus habitantes a experiência de um passado extremamente politizado, de lutas, de encontros que transformavam qualquer lugar em históricos cenários da democracia. É, por si, uma cidade democrática. As fotografias e depoimentos são provas de tudo isso. No entanto, é preciso valorizar os encontros que ainda acontecem para que não se percam em um mundo que tende ao individualismo e a segmentação.



Carreata na Av. Centenário em homenagem ao “Tigre”
Foto: Criciúma Esporte Clube



Pedágio da torcida “Os Tigres” no Anel Viário Central
Fotos: Jornal A Tribuna

5.3. ORIGENS DO FUTEBOL

Ainda que não haja consenso entre historiadores sobre a origem do futebol, segundo Guimarães, Ribeiro e Voser (2006), há vestígios de jogos com bola em algumas culturas pré-históricas. Logicamente, não era o futebol contemporâneo, mas em alguns casos, tinham características semelhantes. Na China, por exemplo, há 5000 anos os militares praticavam uma espécie de jogo onde eram formadas equipes para chutar a cabeça de militares inimigos. No Japão Antigo, o chamado *Kemari* já tinha algumas características do futebol atual: era proibido o contato físico, a bola era consistida por fibras de bambu e as partidas aconteciam em campos com aproximadamente 200 metros quadrados.

Na Grécia Antiga, equipes de nove jogadores se disputavam numa área de formato retangular. Na Idade Média, surgiu o *la soule* na França, cujo objetivo principal era entrar com a bola no edifício da equipe oponente, permitindo inclusive o uso de golpes violentos, como socos e pontapés. Na Itália, o *cálcio* era composto por duas equipes de vinte e sete jogadores, onde o objetivo era levar a bola até dois postes que ficavam nos extremos da *Piazza Santa Croce*, em Florença. Tais jogos passaram a ganhar popularidade e novas regras, como a proibição da violência. No entanto, foi na Inglaterra que o futebol passou a ter regras mais claras: os campos deveriam medir 120 por 180 metros, sendo que nas extremidades seriam instaladas traves retangulares. A bola já era de couro. Estudantes e filhos da elite britânica popularizaram o futebol. Durante o século XVIII, estabeleceram-se regras únicas para o futebol, como a inserção do goleiro, do tempo de noventa minutos e do pênalti como forma de punição para faltas.

A FIFA (Federação Internacional de Futebol Associado) só foi criada no ano de 1904. O futebol foi introduzido como modalidade nos Jogos Olímpicos em 1920 e em 1930 acontecia no Uruguai o primeiro campeonato mundial de futebol. Hoje, a mesma FIFA organiza os principais campeonatos do mundo, inclusive entre clubes de futebol, como a Copa Libertadores da América, a Copa da UEFA, a Copa Sul-Americana, além da Copa do Mundo, Copa das Confederações, entre outras.



A primeira bola de futebol

Foto: autor desconhecido



Logomarca da FIFA

No Brasil, oficialmente o futebol foi introduzido no país pelo paulistano filho de ingleses, Charles Miller. Poli e Carmona, descrevem no Almanaque do Futebol (2006) que Charles Miller, ao retornar ao Brasil depois de anos estudando na Inglaterra, trouxe em sua bagagem duas bolas e um manual com as regras básicas do futebol. No Brasil, apresentou o jogo e em menos de um ano depois, arrumou o primeiro amistoso em terras brasileiras. Num campinho improvisado, São Paulo Railway jogava contra a Companhia de Gás. Era 14 de abril de 1895. Oficialmente, a data que marcou o início da história da maior paixão popular do país.



Retrato de Charles Miller

Foto: autor desconhecido

5.4. FUTEBOL NO BRASIL: FENÔMENO DAS MULTIDÕES

Se há um país no mundo em que o futebol é motivo de frequentes e incansáveis conversas, nos mais diversos lugares, de norte a sul e independente de nível social, este é o Brasil. O futebol é o esporte das massas. O mais democrático, o mais falado e o mais querido. A reportagem “O país do futebol”, de autoria não informada, publicada na revista Veja Online em sua edição especial de Copa do Mundo de 30 de julho de 2002, aborda o assunto dizendo que a única explicação inquestionável para a supremacia brasileira nos gramados é uma palavra rasteira e bastante concreta, que talvez irrite a classe mais intelectual do país: massificação.

É a massificação do futebol que determina o destaque que o país tem nesse e não em outros esportes. Joga-se futebol em boa parte das cerca de 2 100 praias do nosso litoral, nos terrenos baldios, nas quadras da escolinha suburbana ou no asfalto das cidades. Calculam-se em 30 milhões os brasileiros que praticam informalmente o esporte. São 580 000 os atletas amadores e profissionais organizados em 13 000 clubes. No Brasil, a bola é o brinquedo que todo garoto ganha, antes mesmo de dar os primeiros passos. (O país do Futebol. Veja Online, junho de 2002. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/especiais/penta.html>>

No Brasil, o futebol é um fenômeno capaz de levar milhões a assistirem as partidas nos estádios ou pela televisão, capaz de parar o país em alguns jogos da Copa do Mundo e, ainda assim, estar classificado ingenuamente como um assunto “não sério”. “Torcer por um clube ou pelo selecionado do país significa participar ativamente da vida social” (BORGES, 2007). Nesse contexto, é relevante fazer jus aos que mais contribuíram na popularização do futebol no Brasil: os cronistas, que, no papel de informar e formar a opinião pública, pode-se afirmar que foram construtores da imagem do país do futebol. Obviamente, tal representação precisou sustentar-se em fatos que permitissem sua credibilidade, como as vitórias dos clubes brasileiros no exterior e as sucessivas conquistas mundiais da Seleção Brasileira de Futebol.

O antropólogo Roberto Damatta, em seu clássico “Universo do Futebol: Esporte e Sociedade



Maracanã lotado na Final do Mundial de 1950

Foto: Arquivo da Folha de São Paulo



Seleções do Brasil e Itália na Copa de 1970, no México

Foto: autoria desconhecida



Campinho de várzea no Complexo do Alemão, RJ

Foto: Jornal O Globo

Brasileira” (1982) aborda que no Brasil, além da técnica, tática, força física e psicológica, atribui-se ao futebol uma conotação de “jogo de azar”, implicando numa grande importância a fatores como sorte e destino. Além disso, o futebol brasileiro, semelhante ao próprio espírito de ser brasileiro, caracteriza-se pela sua improvisação e individualidade. Controverso, Damatta defende que o futebol resume dilemas da sociedade brasileira e isso é um dos fatores que o torna tão popular, em que a partida é um momento claro de vida em sociedade. A partida de futebol é onde se pode ver muitos dos problemas que marcam a vida social no Brasil, no mesmo tempo em que não deixa de ser apenas uma partida de futebol.

O artigo “O futebol como fenômeno social”, escrito por Carmo Gallo Netto e publicado no Jornal da Unicamp resume o futebol como uma espécie de linguagem no qual são expressas questões profundas da sociedade, como o orgulho, o luto e a euforia. Não é novidade entender que o Brasil é uma nação caracterizada pela miscigenação e, neste sentido, subentende-se que o futebol é um resumo social justamente por ser dotado de um conjunto de símbolos que fazem parte da sociedade brasileira em toda sua dinâmica cultural, com seus misticismos e crendices. O futebol é imprevisível, imponderável e isso faz dele ambiente fértil para as mais variadas manifestações supersticiosas e explicações em termos sobrenaturais, de sorte e azar, destino e milagre, apesar de todo o avanço científico e tecnológico que exista na modalidade esportiva.

A cultura popular brasileira ora é caracterizada pela agilidade com os pés e pernas: seja na capoeira, no samba ou no futebol. Heranças de uma nação de ex-escravos, que tinham que ter ginga nas pernas para driblar as autoridades e seus castigos desumanos. O futebol-arte do Brasil só podia mesmo surgir em meio a um povo tão rico em diversidades culturais, que mistura fé, patriotismo a uma temperada malandragem bem característica. Entende-se, pois, que futebol é pura cultura popular. Espelho da sociedade, tal qual são as cidades. Aliás, cidade sem um quê de futebol, um campo de várzea ou um time para torcer, pode ser tudo, exceto cidade brasileira.



Torcida fazendo orações

Foto: globoesporte.com



Torcedor agradecendo

Foto: SENA, Robson. Blog do Santinha. 2009

5.5. O FUTEBOL COMO IDENTIDADE DA REGIÃO CARBONÍFERA

A história dos times de futebol em Criciúma tem íntima relação com a mineração de carvão que durante décadas foi o carro-chefe da economia regional, protagonizando o crescimento econômico, a explosão demográfica e divulgando o nome da cidade para todo o estado e país. A “Capital do Carvão”, desde suas origens, é destaque estadual e as vezes nacional quando o assunto é futebol.

Tudo começou em 18 de maio de 1924, quando algumas autoridades e influentes personalidades da sociedade criciumense da época se reuniam para formar o primeiro time de futebol da região: o Mampituba Futebol Clube. Esta data representa o início de uma época marcada pelo surgimento de times em toda a região. Segundo o jornalista criciumense Archimedes Naspolini Filho, cada empresa carbonífera da cidade incentivava seus operários a organizarem time de futebol. “Em cada bairro da cidade onde houvesse uma empresa de mineração de carvão ali haveria, com certeza, um quadro de futebol” (FILHO, A.N., 2007).

No entanto, foi a partir de meados da metade do século que os times se profissionalizaram para as disputadas competições regionais. Com a fundação da LARM (Liga Atlética da Região Mineira), em 1948, surgiram campeonatos que mostravam a rivalidade característica entre times da região. Equipes históricas como o Ouro Preto, São Paulo, Atlético Operário, Metrópol, Próspera e Comerciário, todas de Criciúma, pela sua rivalidade, promoviam espetaculares partidas de futebol, marcadas pelo alto e equilibrado nível técnico. O site da LARM atualmente disponibiliza inclusive fotos do álbum de figurinhas oficial do campeonato regional de 1951.

O campeonato regional da LARM era muito valorizado por causa da seletiva para as equipes disputarem o campeonato estadual. Por isso, em meio a tantos times da região, dois tiveram destaque em Santa Catarina e também a nível nacional: o Metrópol Futebol Clube, composto por operários da Carbonífera Metropolitana, e o Comerciário Futebol Clube, o time que representava a região central da cidade. Segundo documentário “A história do Metrópol”, produzido pelo jornalista e cineasta José da Silva, disponível no



1924: o começo do Mampituba Futebol Clube

Foto: João Sbruzzi



Álbum de figurinhas da LARM em 1951

Foto: Banco de Imagens da LARM

portal *Youtube*, o Metropol chegou a ser vice-campeão da Taça Brasil, pentacampeão estadual e participou no ano de 1962 de uma excursão na Europa, jogando em campos da Espanha, Dinamarca, Romênia e Alemanha Ocidental. Numa campanha positiva, a equipe nacional trouxe para casa 13 vitórias, 6 empates e 4 derrotas.

Segundo dados do site oficial do Criciúma, o Comercário Esporte Clube foi fundado em 13 de maio de 1947 por um grupo de rapazes que residiam na área central da cidade. Era o time do Centro. Na época, a equipe disputava os campeonatos que eram realizados pela LARM, até hoje atuante nos campeonatos amadores da região. O Comercário disputava contra times de Criciúma e de municípios vizinhos. Em 1968, a equipe do Centro conquistou o primeiro título estadual.

Nos anos 1970, a representatividade do Comercário provocou grandes mudanças no clube. A principal delas, o nome. Passou a ser Criciúma Esporte Clube, oficialmente o time que representaria toda a cidade e região em suas façanhas estaduais e nacionais. Nos anos 80, talvez influenciado pela política de grandes obras que a cidade e o país passava, o Criciúma estreou com suas cores até hoje oficiais: preto, amarelo e branco. Os anos 90 foram marcados pelas maiores conquistas do clube. Três campeonatos estaduais seguidos, a conquista da Copa do Brasil de 1991 e a participação destacada na Libertadores da América de 1992.

Toda essa trajetória, repleta de fatos curiosos que repercutiram na história da região, são a prova da importância do futebol numa sociedade marcada pela cultura da mineração. A história da Região Carbonífera logicamente tem relação íntima com a exploração do carvão e, por consequência, com os famosos times de futebol dos operários. Hoje o carro-chefe dessa história é o Criciúma, a maior marca da cidade e razão de orgulho para uma legião de torcedores que nele se identifica não só pelas conquistas, mas inclusive por toda a bagagem de tradições que representa.



Metropol: campeão estadual de 1962
Foto: Arquivo Histórico de Criciúma



Técnico "Felipão"
em 1991
Foto: acervo Gazeta



Criciúma: campeão da Copa do Brasil de 1991
Foto: autor / propriedade desconhecida

5.6. INSERÇÃO URBANA DOS ESTÁDIOS DE FUTEBOL

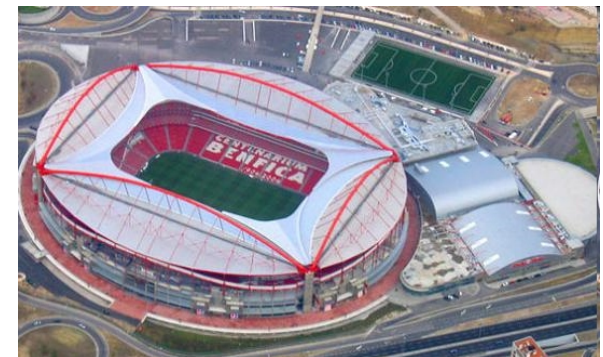
No início do século XX, segundo Miguel Arruda (2009), em sua dissertação “O Estádio na cidade contemporânea”, os estádios tinham um aspecto estritamente funcional. Eram edifícios monofuncionais implantados com pouca preocupação com sua inserção no meio urbano. Localizavam-se geralmente nas zonas periféricas, próximo de fábricas, visto que até então a popularidade do futebol não era nem de perto a realidade de hoje.

A partir da metade do século, período caracterizado pelo grande crescimento urbano, tais estádios ficaram cercados pelas cidades, que alastravam seus limites. “Muitas vezes a continuidade urbana não existia, tanto pela concepção dos recintos desportivos, como pelo crescimento desmedido e despreocupado das cidades.” (ARRUDA, 2009). Assim, repetindo o movimento precursor, os estádios, principalmente nas cidades européias e norte-americanas, passaram novamente a ser deslocados para a periferia expandida das cidades, que permitia a construção de equipamentos maiores e mais modernos. Uma ideologia patrocinada pela indústria automobilística, que em seu auge, massificava o uso do carro expandindo a produção para atender o seu mais novo padrão de consumidores: as classes populares. Um exemplo paradigmático dessa fase foram as demolições do Estádio da Luz e Estádio José Alvalade, antigas sedes esportivas dos clubes lusitanos Benfica e Sporting. Esses estádios foram construídos nos anos 50 na periferia da capital portuguesa. Décadas mais tarde, tornaram-se centrais, devido à evolução da malha urbana. No início deste século, foram demolidos e relocados novamente para a periferia, num movimento repetido e setorizador.

O movimento que caracterizou a relocação dos estádios do centro para a periferia, segundo aborda Arruda, retirou as relações que os mesmos tinham com os lugares onde estavam inseridos. “Alguns estádios tornaram-se não lugares, conceito lançado e explorado por Marc Augé” (ARRUDA, 2009). Entende-se, no entanto, que a pretensão de distanciamento dos estádios tinha relação também com a modernização dos mesmos, permitindo a maximização das instalações e do conforto.



Antigo Estádio da Luz, Lisboa
Foto: ogol.com.br



Novo Estádio da Luz, Lisboa
Foto: footballpictures.com

Os estádios contemporâneos, a partir do momento que vão se atualizando, tem se tornado cada vez mais espaços cuja função não é mais exclusivamente a do espetáculo da partida esportiva. Muito mais que isso, tornam-se espaços multifuncionais, ambientes de lazer, de convívio social e de consumo. É a tendência para o futuro, pois ajuda a integrar o grande equipamento à cidade e é rentável visto que os custos de manutenção dessas estruturas de grande porte nem sempre é pago só pelo valor dos ingressos.

Só com a introdução de novas funções e abertura, a relação com a cidade poderia melhorar, o que atrairia mais pessoas ao estádio, mesmo em dias que não houvesse jogo e consequentemente rentibilizariam o estádio e potencializariam a marca/clube. Foram introduzidas novas valências aos estádios, que simultaneamente com a criação de espaços públicos adjacentes aos recintos desportivos, permitiram que não se criassem rupturas na malha urbana. (ARRUDA, Miguel Jorge. O estádio na cidade contemporânea: caso particular dos estádios de futebol e o Euro 2004. 2009, p. 26)

5.7. CLASSIFICAÇÃO DAS FORMAS DE INSERÇÃO URBANA DOS ESTÁDIOS DE FUTEBOL

De forma geral, os estádios podem estar situados no centro ou na periferia, sendo que atualmente, com o desenvolvimento de diferentes conceitos de urbanidade e pela inserção de novas situações arquitetônicas, há uma grande variedade de inserções de tais equipamentos no meio urbano. Por isso, para entender melhor tal diversidade, ARRUDA (2009), entre outros autores, classifica os estádios em: estádio urbano, estádio ilha, estádio parque, estádio híbrido e estádio ícone.

5.7.1. Estádio urbano

Um estádio urbano é aquele que, situado no tecido urbano, tem continuidade com o espaço público e se articula na cidade consolidada, permitindo a integração de diferentes espaços. Em alguns casos, essa continuidade pode inclusive ser perceptível no sistema de fachadas adotado no estádio em relação ao entorno. O fato de um estádio se situar numa área central da cidade não o classifica necessariamente como um estádio urbano, pois é preciso que o funcionamento de seus espaços aconteça de forma integrada à cidade e não de forma isolada.

Um exemplo emblemático desse tipo de configuração é o Estádio Luigi Ferraris, localizado em Gênova, Itália.

5.7.2. Estádio parque

Há também casos em que o estádio de futebol é inserido aos parques urbanos. O Estádio Olímpico de Munique está nessa categoria. Projetado por Gunter Behnich e equipe, foi inaugurado em 1972 para os Jogos Olímpicos do mesmo ano. No parque, além da inserção do estádio, há outros edifícios poliesportivos e uma vila olímpica.



Estádio Luigi Ferraris Foto: autor / propriedade desconhecidos



Implantação Foto: Google Earth



Estádio Olímpico de Munique Foto: www.indac.org.br

5.7.3. Estádio ilha

Em oposição ao estádio urbano, este acontece de forma desconectada ao tecido existente. Estádios ilha são isolados, ocupam grandes espaços, geralmente são de grande capacidade e, por serem periféricos, suas formas são geralmente mais livres.

Um exemplo para esta tipologia é o Allianz Arena, localizado em Munique e projetado por Herzog e de Meuron. Dotado de um estacionamento de grande capacidade, o acesso ao estádio é feito principalmente por auto-estradas, mas também é tangenciado por uma linha de metrô.



Estádio Allianz Arena, Munique
Foto: autor desconhecido / Superdivertido.pt

5.7.4. Estádio híbrido

Nesta classificação, o estádio, visto como um edifício inserido na cidade, possibilita novos usos além do óbvio. A principal característica dos estádios híbridos é a multifuncionalidade, agrupando uma diversidade de funções e, por consequência, atrai maior número de pessoas em horários variados. São a tendência para a configuração dos estádios, que, em alguns casos, por serem tradicionalmente monofuncionais, tornam-se grandes espaços ociosos sem inserção ao meio urbano.

Como exemplo, o estádio de Genebra, na Suíça, construído para o Campeonato Europeu de 2008, possuindo junto à função de espetáculo de futebol, um centro comercial, um hotel e um centro cultural.



Estádio de Genebra, Suíça
Foto: www.currybet.net



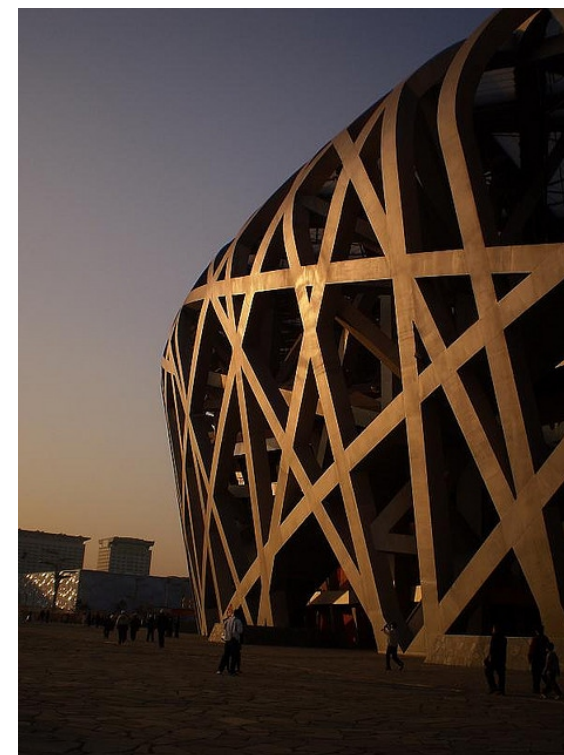
Hotel em anexo ao estádio
Foto: autor / propriedade desconhecida

5.7.5. Estádio ícone

Por último, há os estádios ícones, aqueles que, por sua estrutura única, passam a representar o lugar onde estão inseridos. E, em tempos em que a imagem que é transmitida pela televisão padroniza os estádios e os iguala a ponto de tornar suas particularidades arquitetônicas algo irrelevante, ser ícone significa pelo menos ser original e lembrado. O Estádio Olímpico de Pequim, apelidado como “Ninho de Pássaro”, construído para os Jogos Olímpicos de 2008, é um exemplo que se adéqua a esta categoria.



Estádio Olímpico de Pequim
Foto: Fongets (nome desconhecido) / Flickr.com



Estádio Olímpico de Pequim
Foto: Ivan Nie (nome desconhecido) / Flickr.com

6. ESTATUTO DA CIDADE

6.1. ASPECTOS GERAIS

A Lei Federal 10.257, de 2001, mais conhecida como “Estatuto da Cidade”, constitui-se na regulamentação dos artigos 182 e 183 previstos na Constituição Federal de 1988, que tratam, respectivamente, da política de desenvolvimento urbano e da função social da propriedade.

De forma geral, o Estatuto é uma tentativa de estabelecer a gestão e planejamento democráticos nas cidades através de instrumentos urbanísticos, garantindo a participação popular nas decisões de interesse público. E, conseqüentemente, aproximando o poder público às comunidades.

A participação popular está prevista e, através dela, as associações representativas dos vários segmentos da sociedade se envolvem em todas as etapas de construção do Plano Diretor – elaboração, implementação e avaliação – e na formulação, execução e acompanhamento dos demais planos, programas e projetos de desenvolvimento urbano municipal. (OLIVEIRA et al., Estatuto da Cidade para compreender, 2001, p.8)

Por ser base legal para a implantação dos planos diretores em todas as cidades brasileiras com mais de 20 mil habitantes, seus instrumentos, ainda que gerem dúvidas, estão sendo amplamente difundidos em todo o país. Abaixo, são comentados os instrumentos urbanísticos mais relevantes para a proposta deste Trabalho Final de Graduação.

6.1.1. Direito de Preempção

É o instrumento que dá preferência ao poder público para a compra de imóveis urbanos que sejam de seu interesse para a realização de projetos específicos, sejam comunitários, espaços públicos de lazer, regularização fundiária, ordenamento da expansão urbana, entre outras possibilidades.

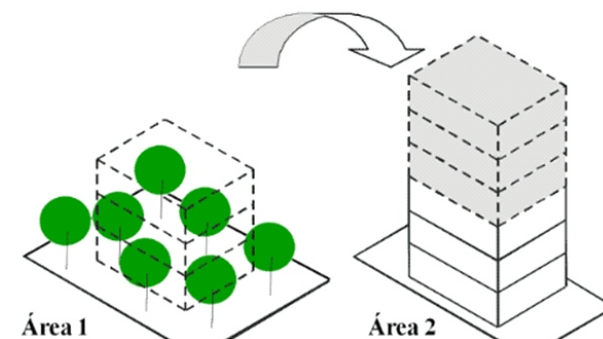
Deve ser previsto no Plano Diretor do município, que deve demarcar as áreas onde tal instrumento urbanístico será previsto, fixando inclusive prazos de vigência, não superior a cinco anos e renovável a partir de um ano após o término do prazo inicial. Durante a vigência do Direito de Preempção, independente de haver alienação do imóvel, o proprietário deve sempre notificar o Poder Público do município, pois este tem a preferência para a compra.

6.1.2. Transferência do Direito de Construir

A Transferência do Direito de Construir é um dos instrumentos urbanísticos previstos no Estatuto da Cidade, que dá ao proprietário do lote urbano o direito de exercer seu potencial construtivo em outro lote, ou até mesmo comercializá-lo com outro proprietário. É utilizado em áreas onde é de interesse público e da coletividade que se mantenha baixa densidade e, da mesma forma, suas possibilidades construtivas, quando transferidas, devem ser aplicadas em áreas onde o adensamento seja tolerável.

Geralmente, esse instrumento é aplicado em áreas onde são previstas a implantação de equipamentos comunitários, onde é de interesse público a preservação de algum imóvel por questões históricas, culturais, sociais ou ambientais, e até mesmo para dar suporte a programas de regularização fundiária. “A Transferência do Direito de Construir atua como um fator de amenização da pressão imobiliária nos terrenos, diminuindo a pressão pela sua ocupação” (SABOYA, 2008).

Um exemplo comum é de proprietários que possuem imóvel histórico num terreno com potencial construtivo múltiplas vezes maior que o utilizado. Com esse novo instrumento, poderá transferir essa diferença construtiva para outro lote da cidade, sempre respeitando os limites máximos de Índice de Aproveitamento (IA) de cada localidade. Dessa forma, poderá ajudar na preservação do patrimônio histórico, sem se sentir financeiramente prejudicado.



Transferência do direito de construir
Foto: Urbanidades.arq.br

6.1.3. Operações Urbanas Consorciadas

Os principais objetivos das operações urbanas são a recuperação de ambientes degradados e adequação da infraestrutura urbana, edificações e serviços às inovações tecnológicas dentro da perspectiva de adaptação das cidades aos atuais processos de transformação social e econômica. Trata-se então de um plano urbanístico em escala quase local, envolvendo o poder público, a comunidade e a iniciativa privada. Segundo José Eduardo Lefèbvre (Revista Projeto, 2001, p.55), a operação urbana “procura conciliar a potencialidade e as necessidades do poder público com a potencialidade e as necessidades da iniciativa privada.”

Nesse instrumento, cabe ao poder público delimitar uma área a elaborar um plano de ocupação prevendo toda a infraestrutura e a organização espacial, como densidades, gabaritos, usos, volumetria das edificações e podendo inclusive detalhar elementos urbanos que os planos diretores tratam de forma genérica. Assim, as operações urbanas possuem grande potencial de qualificação espacial das cidades. E, em troca, pode-se negociar com a iniciativa privada a concessão de índices, modificação de usos, participação nos projetos, concessão de utilização de áreas públicas, etc. “A primeira condição para que haja uma operação urbana é a existência, numa determinada área, de meios e interesse, por parte da iniciativa privada, em fazer investimentos” (LEFÈBVRE, 2001, p.55).

Uma dificuldade desse instrumento é atender e ser aplicado em áreas menos valorizadas – porém, mais necessitadas de melhorias urbanas – onde não há um grande interesse por parte da iniciativa privada. No entanto, visto a dificuldade do poder público de assumir sozinho obras de requalificação urbana, são uma forma eficiente de aliar a melhoria dos espaços públicos das cidades brasileiras com a participação do sistema econômico vigente. Exemplo pioneiro de operação urbana no Brasil é o projeto de requalificação urbana do Vale do Anhangabaú, no Centro de São Paulo.



Proposta para o Bairro Novo, em São Paulo

Foto: Arq. Euclides Oliveira / Portal Vitruvius



Vale do Anhangabaú, em São Paulo

Foto: RRC / skyscrapercity.com

6.1.4. Estudo de Impacto de Vizinhança

O Estudo de Impacto de Vizinhança é um dos instrumentos urbanísticos previstos no Estatuto da Cidade. Trata-se de uma análise minuciosa dos efeitos positivos e negativos que determinado empreendimento pode gerar à qualidade de vida da população que reside em suas proximidades. Para sua elaboração, é primeiramente preciso que os municípios se adéquem ao Estatuto, já o incluindo no Plano Diretor, pois, segundo consta no artigo 36 do Estatuto da Cidade, “a Lei Municipal definirá quais são os empreendimentos que dependerão de elaboração de estudo prévio de impacto de vizinhança para obter as licenças ou autorizações de construção ou funcionamento (...)”.

Um EIV (Estudo de Impacto de Vizinhança) deve abordar no mínimo as seguintes questões: adensamento populacional, equipamentos urbanos e comunitários, uso e ocupação do solo, valorização imobiliária, geração de tráfego e demanda por transporte público, ventilação e iluminação, paisagem urbana e patrimônio natural e cultural. Além desses, pode-se ainda constar outros tipos de análises relacionadas aos impactos econômicos, sociais, ambientais e urbanísticos que determinado empreendimento pode gerar. Exemplos: geração de empregos, criação de novas alternativas econômicas, melhorias nos índices de qualidade de vida, deslocamentos populacionais, pavimentação, saneamento, poluição visual, entre tantos outros.

Após a análise dos resultados obtidos no EIV, são listadas em relatório técnico as medidas mitigadoras que o empreendedor (independente de ser iniciativa privada ou pública) deve cumprir para que os impactos negativos do empreendimento sejam minimizados e compensados por melhorias no meio ambiente urbano.



Para o início das obras do Arena das Dunas, em Natal, cidade-sede da Copa de 2014, foi necessário a realização de Estudo de Impacto de Vizinhança.

Foto: Arquivo HOK



Para a construção da sede do Giassi Supermercados, não seria necessário um EIV?

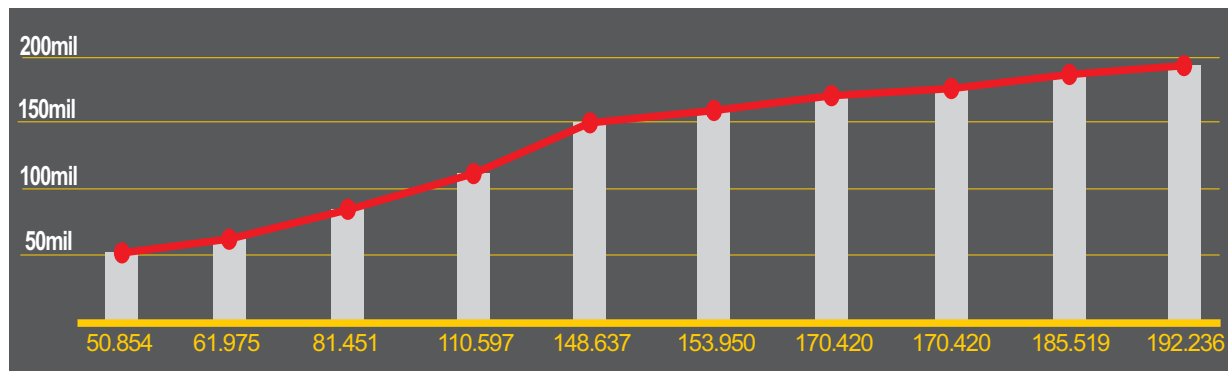
Foto: José Carminatti / Panoramio.com

7.INSERÇÕES DO RECORTE

7.1. CRICIÚMA

Situada no estado de Santa Catarina, a meio caminho entre as capitais Porto Alegre e Florianópolis, Criciúma é a maior cidade do sul catarinense e a quinta em população no estado. O censo de 2010 contabilizou 191.473 habitantes, correspondendo a um crescimento de 12% em relação ao Censo 2000, quando eram pouco mais de 170 mil habitantes. Na questão econômica, apesar de nas últimas décadas ter perdido posições no ranking estadual dos maiores PIBs de Santa Catarina (atualmente, segundo dados da Prefeitura Municipal de Criciúma, a cidade é a 9ª economia do estado), ainda é destaque em diversos setores da indústria e da prestação de serviços. É pólo nos setores da indústria de plásticos e descartáveis plásticos, na indústria química, metal-mecânica, confecção, cerâmica, colorifícios e extração mineral, além de ser sede das maiores redes de supermercados do estado e de grandes construtoras de atuação estadual. É ainda a sede dos maiores hospitais da região, de escolas técnicas e profissionalizantes, de faculdades privadas e da Unesc, universidade de atuação regional. É pólo político e cultural, por sediar espetáculos e ter equipamentos públicos únicos no sul do estado, como o Teatro Municipal Elias Angeloni, galerias de arte (Galeria de Arte Contemporânea da Fundação Cultural de Criciúma e Galeria de Arte Octávia Gaidzinski, anexo ao Teatro), bibliotecas, cinemas, instituições governamentais, sedes partidárias, entre outros.

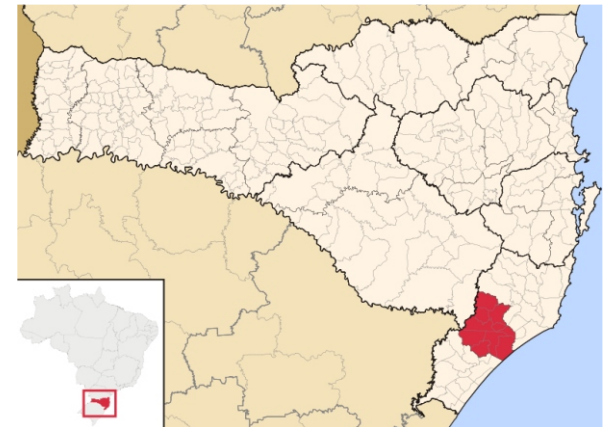
Crescimento populacional de Criciúma



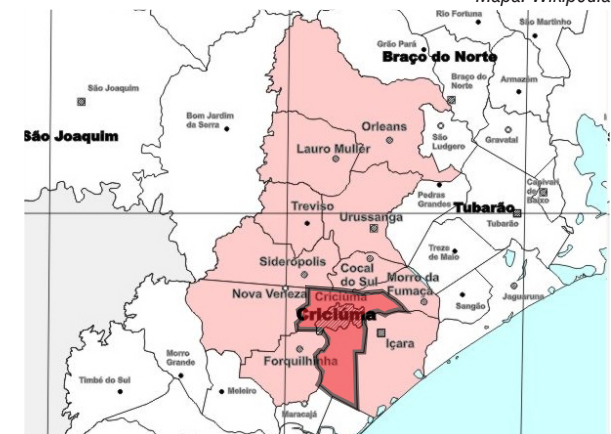
Dados: IBGE



Localização de Sta. Catarina
Mapa: Wikipedia



Localização da Região Carbonífera no estado de SC
Mapa: Wikipedia



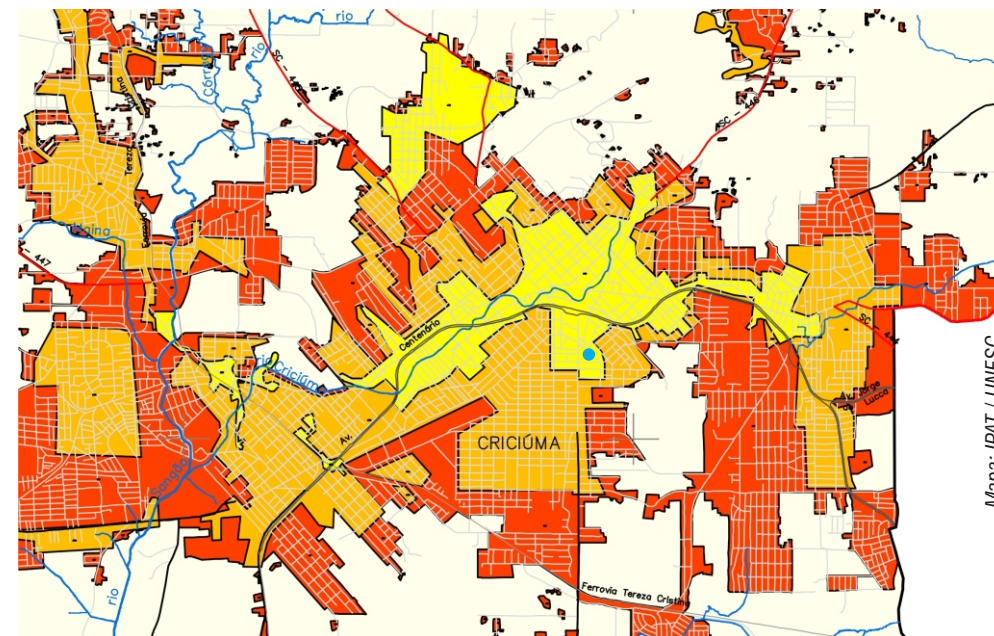
Criciúma, centro da Região Carbonífera
Mapa: Governo do Estado de Santa Catarina

7.2. EVOLUÇÃO URBANA DE CRICIÚMA

Os núcleos colonizadores de Criciúma, em amarelo no mapa ao lado, coincidem-se, além da região central (onde está localizado o Estádio Heriberto Hülse), com as áreas onde existiam minas de carvão. Ao redor delas, havia as vilas operárias, construídas pelas companhias carboníferas para residir os mineiros e suas famílias. Essas áreas mais antigas do tecido urbano da cidade, segundo o texto “Evolução Urbana e Ciclos econômicos”¹, correspondem hoje aos bairros Próspera, Santo Antônio, Santa Bárbara, Mina do Mato, Pinheirinho, entre outros.

Com a inserção do ciclo econômico da cerâmica a partir dos anos 1950, as imensas fábricas que eram construídas pela cidade passaram a atrair uma população economicamente ativa que também passou a residir nas áreas vizinhas às empresas. “Devido a localização das indústrias cerâmicas, houve o deslocamento da população do Centro para os bairros mais periféricos” (Evolução Urbana e Ciclos Econômicos, autor desconhecido). Os destaques dessa época foram a construção da CESACA no Centro (1947) e da CECRISA na Próspera (1966).

Nas últimas décadas, a diversificação econômica, o rápido crescimento populacional, a implantação de vias estruturadoras, o deslocamento de equipamentos institucionais do Centro para a periferia, a ocupação desordenada nos bairros, a especulação imobiliária e a evolução das legislações urbanísticas tornaram-se aspectos norteadores da evolução do tecido urbano da cidade.



● Localização do Estádio Heriberto Hülse
 ■ Urbanização até 1957 ■ Urbanização até 1978 ■ Urbanização até 2001

Mapa: IPAT / UNESC



Vila operária em Criciúma
 Foto: Arquivo Histórico de Criciúma



CESACA no Centro de Criciúma, anos 70
 Foto: Prefeitura Municipal de Criciúma

¹ “Evolução urbana e ciclos econômicos”, com autoria desconhecida, disponível no site da Câmara de Vereadores de Criciúma

7.3. “LADO DE CÁ” x “LADO DE LÁ”

Morfologicamente, Criciúma se desenvolveu às margens da antiga estrada de ferro Dona Tereza Cristina. Como o centro da cidade ficava do lado norte da estrada, logicamente, era de tal lado onde eram concentrados a maior parte dos estabelecimentos e residências da cidade. A cidade, portanto, era literalmente dividida em dois lados: popularmente, o “Lado de Cá”, central, urbanizado e valorizado, e o “Lado de Lá”, longe, ocupado por chácaras e terrenos rurais. Como nó, ponto de ligação entre os dois lados, havia a estação ferroviária que ficava no lugar do atual terminal de ônibus central.

O “lado de cá” foi o precursor dos ciclos econômicos e de suas conseqüentes transformações na paisagem urbana. Os primeiros edifícios com mais de dez pavimentos, os hospitais, as melhores escolas, a primeira prefeitura, as primeiras fábricas, os templos religiosos mais importantes e os principais equipamentos de lazer eram concentrados no lado do Centro. A partir dos anos 1970, essa diferença se amenizou. A influência do urbanismo modernista e o “milagre econômico” brasileiro contribuíram para que a cidade pudesse implantar obras de forma mais espalhada, acompanhando o crescimento populacional da época. Alguns exemplos são a estação rodoviária, o Edifício Lúcio Cavaller (na época, o mais alto de Santa Catarina), o Colégio Michel, o Colégio Estadual Sebastião Toledo dos Santos, vulgo “Colegião” e a própria ampliação do Estádio Heriberto Hulse.



Vista aérea do Centro, Comerciário ao fundo.
Foto: Skyscrapercity.com



Primeira estação ferroviária de Criciúma
Foto: João Sbruzzi



“Lado de cá” mais desenvolvido que o “lado de lá” nos anos 1970, porém com o surgimento dos primeiros edifícios no bairro Comerciário.

Foto: Skyscrapercity.com / adaptado pelo autor